

## Liverpool

André de Leones

### **Agora.**

Vou encontrá-la a alguns quarteirões de casa, sentada ao balcão de um boteco na João Ramalho. Há o balcão e, mais à frente, uma dúzia de mesas muito próximas umas das outras, de tal forma que os garçons mal conseguem se movimentar por entre elas e precisam esticar os braços para servir os pratos e as bebidas. As costas das cadeiras e dos fregueses se tocam a todo instante. Quase todas as mesas estão ocupadas agora, meio-dia e quinze, e não estranho que ela tenha optado pelo balcão, os cotovelos ali colocados e as costas eretas, as quais toco de leve ao chegar e dizer:

— Não vai pedir o prato do dia?

A primeira coisa que faço ao adentrar esses lugares é procurar pelo relógio afixado numa parede, em geral logo acima do caixa.

— Mal chegou e já está olhando a hora — ela nota.

— Não tenho tempo a perder — minto.

Ela me corrige: — É só o que você tem.

### **Dois anos antes.**

Havia esse shopping center em Jerusalém e eu e ela pegávamos um ônibus na Harav Hertzog, onde eu morava então, e minutos depois estávamos lá, cercados pela multidão que parece a mesma em qualquer lugar do mundo, daí que eu e ela talvez também parecêssemos as mesmas pessoas em qualquer lugar do mundo a partir do momento em que adentrássemos um shopping center, qualquer que fosse, onde quer que fosse, em Jerusalém, em São Paulo ou no Ártico.

(Há shoppings no Ártico?)

Eu gostava dos cabelos loiros dela, longos e anelados, um ou dois degraus à minha frente na escada rolante, e da maneira como carregava a bolsa, segurando-a displicentemente pelo meio, sem fazer uso da alça, como se fosse atirá-la a qualquer momento em alguma vidraça ou nas costas de outra pessoa.

Ela não bebia, mas gostava que eu bebesse.

Ela dizia gostar dos meus cabelos curtos e encaracolados, embora também dissesse que eu devia pintá-los de loiro, vai realçar os seus olhos, e eu dizia que não, esse negócio de pintar os cabelos, sei lá, acho que não tem nada a ver comigo.

— Por que não tenta? — ela insistia. — Pinta uma vez e, se não gostar, você não pinta mais, simples assim.

Insistiu tanto que, certa noite, sonhei com os meus cabelos tingidos de loiro, eu os olhava no espelho e a minha expressão de terror dizia tudo, péssima ideia, olha só a merda que ficou, e então eles começavam a cair, mechas inteiras, até não restar nada. Conteí o sonho para ela, que não disse nada, nenhum comentário, apenas não falou no assunto por algum tempo, três ou quatro dias sem dizer que eu devia tingir os meus cabelos de loiro. Naquela tarde, a caminho do shopping, sentados nos fundos do ônibus, ela acariciou a minha mão e disse:

— Tem certeza de que não quer experimentar?

Eu soube de imediato o que ela queria que eu experimentasse e não respondi nada. Fechei os olhos e vi a minha imagem no espelho, a cabeça completamente nua. Não, obrigada.

Íamos ao shopping pelo menos uma vez por semana para assistir a algum filme. Eu sempre dormia no meio da sessão, não importando o quão barulhento fosse o filme, e depois voltávamos para a minha casa e pedíamos pizza e assistíamos à televisão e transávamos e dormíamos e ela tinha pesadelos com o irmão que morrera na última guerra contra o Líbano, acordava chorando, dizendo coisas em hebraico que eu não entendia.

### **Agora.**

Ela pede um pedaço de bolo e uma xícara de café e eu, um suco de laranja. Reclama do clima, quente demais, você não vive dizendo que São Paulo é fria?, reclama também da feiura da cidade:

— Não sei como você consegue viver aqui.

— A gente está em janeiro — digo. — É verão.

— São Paulo é cinza mesmo num dia ensolarado desses. Olha lá, o céu limpo, nenhuma nuvem, azul, azul, azul, e a cidade cinza. Impressionante.

Não digo nada porque sei que é verdade. Eu gosto de cinza. Da cor cinza, do cinza paulistano. Penso em dizer isso a ela, mas não o faço.

Não importa.

— Ainda sonho com Jerusalém — digo. Os olhos expressam surpresa. Ela não esperava que eu dissesse isso, fica em silêncio, um gole de café que parece engolir com dificuldade. — Mas não faço ideia de quando vou conseguir voltar.

— Voltar? Você ainda pensa em voltar?

Balanço a cabeça: sim.

— Eu nem falava de Jerusalém — ela diz depois de um tempo —, mas de qualquer outro lugar.

— Qualquer outro lugar?

— Sim — a voz dela treme. — Não sei como você consegue viver onde quer que seja.

Abro um sorriso. Talvez ela precise disso, eu não sei. Talvez *eu* precise. Foda-se.

— Qualquer outro lugar.

Continuo sorrindo. Ela me encara com desdém, depois olha para a camisa que estou usando:

— Liverpool?

— Você sabe que é — respondo. — E você sabe que eu curto futebol e tal. Futebol inglês, futebol europeu.

Ela balança a cabeça negativamente e dispara:

— Você é uma paulistana de mentira, uma judia de mentira, uma inglesa de mentira, é toda de mentira. Inteirinha. Não tem nada em você que seja de verdade.

### **Dois anos antes.**

Não era sempre que eu conseguia voltar a dormir depois que ela saltava de seus pesadelos. A princípio, ela sequer me dizia com o que sonhava. Então, certa manhã, depois de subirmos a rua Azza e adentrarmos e sentarmos a uma mesa do Coffe Shop, ela tomou um gole de suco de laranja e, olhando para o copo diante de si, disse:

— Eu tenho esses pesadelos com o meu irmão. Meu irmão que morreu no Líbano, na guerra.

Eu não disse nada, embora já imaginasse algo do tipo. Ela tomou outro gole, muito concentrada no que fazia, como se fosse uma provadora, a sua função fosse sair por Israel provando sucos de laranja e lhes atribuindo notas, tomou outro gole e disse, ainda olhando para o copo:

— É como se eu estivesse lá com ele. Quando ele morreu. Eu estou com ele no tanque, está muito escuro e muito quente, o calor é insuportável, e então o tanque explode e eu e ele vamos pelos ares, eu vejo pedaços do meu próprio corpo e pedaços do corpo dele, braços, pernas, dedos. A gente flutua por um tempo, não há dor, não há barulho nenhum, a gente flutua e depois eu caio e, quando eu caio, eu acordo. É sempre assim.

Acontecia algumas noites por semana, duas, às vezes três. Os pesadelos, os gritos. Quando eu afinal conseguia acalmá-la e fazê-la adormecer outra vez, ligava a televisão e assistia a algum filme muito antigo, pela metade, as legendas em hebraico, sem entender direito o que acontecia porque o volume estava muito baixo, sem me concentrar, e era sempre algum western ou um filme de guerra, um Coronel Blimp que me parecia colorizado por computador, mas não: eram os meus olhos que pesavam e me enganavam, sempre.

### **Agora.**

— Não tem nada em você que seja de verdade, nada — ela repete.

Não sei o que dizer, exceto: — Acho que você passou tempo demais em Israel.

Não chega a ser uma réplica, nada próximo disso. Não é sequer uma provocação. Olho para ela como se entendesse a raiva que sente por mim, a raiva que sente por estar aqui, comigo, neste boteco da João Ramalho, em pleno verão paulistano, dois anos depois de termos nos despedido, mas a verdade é que não entendo. Eu vim embora, ela ficou. Não foi fácil, nem tranquilo, mas eu tinha que vir embora e ela precisava ficar.

— Tempo demais — repito.

— Quinze anos não são nada — ela resmunga.

Eu penso, ou é mais como se a frase dela ecoasse em minha cabeça: não são nada. E, se quinze anos não são nada, dois anos são o quê? Tento sorrir. Não consigo.

— Foi lá que você me conheceu — ela diz depois de esvaziar a xícara e pedir outro café.

— Sim, foi. Eu ainda me lembro disso.

— O que eu quero dizer — ela continua —, o que eu realmente quero dizer é: você me conheceu lá, em Israel, e eu te conheci lá. Em Israel. Só isso. Foi só isso que eu quis dizer.

— E agora? — eu pergunto. — Aqui?

— O quê?

— Quem você veio conhecer?

### **Dois anos antes.**

Depois que voltamos do Coffee Shop, sentadas no sofá da sala, ela tirou o telefone da bolsa, deitou-se no meu colo e mostrou algumas fotos do irmão para mim. Mostrou sem dizer nada, sem dizer as coisas que as pessoas geralmente dizem ao mostrar fotos, essa foi tirada em tal lugar, a gente viajou por tantos dias, aqui é um lugar muito bonito, está vendo?, mostrou em silêncio, como se não soubesse mais que lugares eram aqueles, como se tivesse esquecido, como se não fizesse mais diferença. A certa altura, entregou o celular para mim, para que eu o manuseasse, para que eu visse cada foto pelo tempo que achasse necessário, ou não as visse mais, colocasse o aparelho de lado e me ocupasse com outra coisa. Revi as que ela já tinha me mostrado e vi outras, eram mais de vinte fotos no total e em todas havia esse sujeito grandalhão, sorridente, branco e loiro feito ela, e eu fiquei pensando o que teria sido necessário para matar um sujeito daquele tamanho, mas depois eu pensei na guerra, não na guerra em si, coisa que eu jamais conhecera e possivelmente jamais conheceria, mas nas imagens da guerra, coisa que todos conhecemos muito bem, estão em toda parte, o tempo todo, e concluí: não é preciso muito. Nunca é.

### **Agora.**

Termino o suco de laranja e olho para ela. Parece menor, os cabelos bem mais curtos, acima dos ombros. Fico calada, e ela também. Espero que termine o

segundo café e pergunto se quer mais alguma coisa. Não diz nada, sequer balança a cabeça, sequer olha para mim.

— Moro aqui perto — digo.

Nada.

Vou até o caixa e pago. Quando me viro, ela já está lá fora, na calçada. Acende um cigarro. Saio do restaurante e paro ao lado dela, as mãos nos bolsos da bermuda. O longo vestido dela esvoaça com o vento feito a bandeira de um país desconhecido. De onde você é? Para onde você vai? Não importa.

— Você mora sozinha — ela diz, assoprando a fumaça para o lado, na direção da rua, dos carros que passam.

— Você sabe que eu moro sozinha.

— Eu sei que você mora sozinha.

Duas longas tragadas, como se precisasse terminar logo o cigarro. Por um momento, tenho a impressão de que ela vai jogar o cigarro fora e se despedir de mim, ir embora, adeus. Continua parada, no entanto. Algumas pessoas saem do restaurante, operários, passam por nós e atravessam a rua. Penso na construção vizinha do meu prédio.

— O que tem fotografado? — ela pergunta.

— Nada interessante.

— Mas tem trabalhado muito?

— Todo mundo trabalha muito em São Paulo.

Ela joga o cigarro no chão e olha para mim. Quando finalmente começamos a caminhar, ela diz, olhando para o chão:

— Eu queria que você não estivesse aqui.

### **Dois anos antes.**

Dois anos depois, enquanto caminhamos pela João Ramalho, a caminho de casa, da minha casa, pergunto a ela onde tinha conseguido as bicicletas que usamos, pedalando pelo calçadão de Yafo, o Mediterrâneo aberto ou se abrindo para nós, e depois por Tel Aviv, pelos bairros próximos, por praças e becos, pedalando por horas e horas, e ela a princípio não consegue ou finge não conseguir se lembrar para, depois, quando já estamos muito próximos do prédio em que vivo, no mesmo quarteirão, como se precisasse encerrar a conversa antes que o adentrássemos, dizer:

— Era do meu irmão. Uma das bicicletas. A outra era minha.

Quando foi me buscar na Harav Hertzog, as bicicletas estavam presas ao carro, amarradas, e então pegamos a estrada num entardecer agradável, o verão muito próximo do fim. Não dissemos palavra, exceto quando paramos para abastecer e ela me lembrou do nosso trato, o carro eu alugo, a hospedagem a gente racha, o combustível é por sua conta. Desci e paguei e, enquanto esperava que o frentista trouxesse o troco, fiquei olhando para as bicicletas, ambas azuis com listras brancas, idênticas.

Ficamos por duas noites em um hostel em Yafo, num quarto só para nós, e ali ela não teve pesadelos. Estávamos a uns poucos quarteirões do mar.

### **Agora.**

A janela enorme na sala do meu apartamento: ela para diante dela, cruza os braços e olha para o vazio defronte, vazio que logo será preenchido por um prédio, olha para as fundações já prontas, um buraco no chão e as alicerces, e diz:

— Em construção.

Sento-me no sofá e observo, como se a janela fosse um quadro do qual ela ao mesmo tempo fizesse e não fizesse parte, a figura vazando da pintura, moldura afora.

— Quantos andares vai ter? — ela pergunta.

— Mais de vinte — respondo. — Acho que uns trinta.

Ainda está de costas quando diz:

— Não posso ficar muito tempo.

E repete logo em seguida, ao se virar para mim:

— Não posso ficar muito tempo.